



FOLHA

DE BOA VISTA

Ano XXXIV

Edição 5572

Um Jornal Necessário

Página Inicial

EDITORIAS

Cidades

Especiais

Esportes

Opinião

Polícia

Política

Variedades

COLUNAS

Despertai

Em Pauta

Jessé Souza

Minha Rua Fala

Ok!á

Parabólica

PodCast

Shirley Rodrigues



Comentar



Imprimir



Enviar por E-mail

Opinião

Roraima celebrando duas décadas de uma armadilha de crescimento

Fonte: [a](#) [A](#) [A](#) [A](#)

Elói Martins Senhoras *

Com a consolidação de mais um aniversário, após 23 anos de transformação política de Território a estado, cabe questionar se há motivos de comemoração, pois persistem rugosidades de uma lógica passada que, tanto, possibilitam o seu desenvolvimento por vetores de acumulação exógenos (transferências federais), quanto, eventualmente, vetores que limitam a autonomia do seu desenvolvimento endógeno.

Do ponto de vista estrutural, embora a economia de Roraima tenha crescido historicamente a um ritmo superior às taxas crescimento econômico do Produto Interno Bruto (PIB) do país, desde que se transformou em um estado a duas décadas, observa-se que hoje ele se encontra preso a uma armadilha de crescimento, que compromete o seu desenvolvimento autônomo no longo prazo por três motivos.

Roraima caracteriza-se por uma sociedade pós-industrial, ligada ao setor terciário, tal como acontece em diferentes cantos do Brasil ou do mundo, porém a diferença é que praticamente 50% da formação da riqueza do estado têm sido oriunda da participação concentrada do setor público, o que levou à consolidação de um padrão de rent-seeking, ou de geração de renda improdutivo, que hoje se consolida com a participação direta de mais de 14 mil funcionários comissionados na máquina pública.

Enquanto outros estados e países no mundo conformaram-se em sociedades pós-industriais por meio transformações qualitativas dos padrões de crescimento econômico, normalmente ligadas a uma seqüência lógica de desenvolvimento dos setores primário (agropecuário) e secundário (industrial), em Roraima, a transformação política de território para estado rompeu esta lógica levando-o diretamente a uma economia terciária com graves limitações à geração de emprego no setor público devido à Lei de Responsabilidade Fiscal.

As restritas bases materiais de crescimento diversificado, pautadas na agropecuária e na indústria, ao representarem uma composição histórica de contribuição ao crescimento econômico do estado de apenas 20% e 30% do PIB cria desestímulos, além daqueles previstos pela insegurança energética, logística e de comunicação (internet), em especial para a consolidação do setor secundário, haja vista que existe uma baixíssima interdependência setorial, o que leva a poucos encadeamentos na cadeia industrial para trás (agropecuária) ou para frente (serviços).

Do ponto de vista conjuntural, algumas inflexões geradas endógena e exogenamente conduziram a transformações no Estado e que ao longo do tempo foram se sedimentando e se cristalizando pelos campos de poder construídos na sociedade, na economia e na política, o que acabou por restringir o raio de manobra dos policymakers dentro de algumas trilhas sem volta e corroborando para solidificação não só de uma armadilha de crescimento, mas também na formação de dilemas para as políticas públicas.

Questões conjunturais como o fim do garimpo, ou mesmo a demarcação da Raposa Serra do Sol, criaram vetores de migração urbana forçada, em função da inexistência de outras opções econômicas de sobrevivência, o que impactou no próprio redesenho da capital, Boa Vista, com um padrão crescimento urbano relativamente desordenado da Zona Oeste da cidade a partir dos "limites" do que hoje é conhecido como Avenida Venezuela (BR 174) ou com a conformação de bolsões de pobreza e de núcleos de invasões de terras urbanas, que ao longo do tempo foram sendo transformados em bairros com as políticas de regularização.

A existência de uma longa faixa de fronteira internacional, tanto com a Guiana, quanto com a Venezuela, quando somada às políticas federais de criação de reservas ambientais e indígenas ou mesmo de áreas sob responsabilidade militar, ao longo do tempo, acabaram por transformar Roraima em um dos territórios mais engessados no Brasil, haja vista que o governo estadual tem autonomia para o desenvolvimento de ações sobre pouco mais de 11% do total das terras, sendo que no caso de alguns municípios este indicador é ainda mais assimétrico.

A mudança dos ciclos políticos quando analisada com o jogo das forças das políticas federais e das políticas

.: Publicidades :.



<

loais (prefeituras e estado) levam o estado de Roraima lato sensu desde momentos cíclicos de alto crescimento econômico, em razão de elevações de repasses de transferências federais, até momentos de crise em razão da queda dos mesmos, motivo pelo qual é possível ver no atual momento uma elevação do endividamento do estado e enxugamento de cargos comissionados em algumas instâncias da máquina pública local.

Conclui-se que para se alavancar o desenvolvimento do estado é necessário, não somente, entender uma série de forças conjunturais e estruturais que vão se sedimentando ao longo do tempo e que criam um ciclo vicioso de dependência externa à União, mas também se faz necessário a instrumentalização de políticas internas concentradas que possibilitem diminuir o gap estrutural dos setores primário e secundário da economia por meio de estímulo e articulação de cadeias produtivas.

*** Economista e cientista político. Professor da Universidade Federal de Roraima (UFRR) - eloisenhoras@gmail.com - Outros artigos o autor disponíveis em: <http://works.bepress.com/eloi>**

[Principal](#)[Assinatura](#)[Expediente](#)[Denúncias](#)[Classificados](#)[Fale Conosco](#)

Copyright © 2011 - Folha de Boa Vista - Todos os Direitos Reservados